

PREFÁCIO¹

Ser convidado a escrever o prefácio desta coletânea foi para mim uma grande honra. Ter a oportunidade de ler em primeira mão **“CIOS DA TERRA: sobre trabalho, cultura, produção de saberes e educação do campo”**, organizado por Ana Elizabeth Santos Alves e Lia Tiriba foi um dos maiores presentes que recebi, justamente no momento em que preparava meu memorial para o concurso de professor titular do Departamento de Educação, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Cios da terra nos remete à letra da música de Milton Nascimento e Chico Buarque, que nos lembram que, na natureza, há um tempo propício à plantação da semente, sobretudo quando pensamos na transformação da sociedade. Uma sociedade que deveria levar em conta os fazeres da classe trabalhadora e o fazer-se classe trabalhadora nas relações construídas entre o campo e a cidade. Relações marcadas, conforme Célia Vendramini, por migrações campo-cidade e, sobretudo, pela exploração dos trabalhadores rurais que se veem obrigados a venderem sua força de trabalho na condição de “boia fria”, o chamado trabalhador “volante”. São levados a deixar suas terras e suas raízes para trabalhar nas safras da cana-de-açúcar, ou seria “cana-de-álcool”? Ou ainda em safras de outros produtos agrícolas nas mais variadas regiões do Brasil, a depender dos tempos de plantio e de colheita.

Na letra da música Cio da terra, os autores dizem da necessidade de debulhar o trigo, de recolher cada um de seus bagos para se forjar, no trigo, o milagre do pão e se fartar de pão. Ocorre que na sociedade capitalista, como poderemos ver nos 11 textos desta coletânea, o trabalhador que produz o trigo e o recolhe não se farta de pão, pelo contrário! É possível afirmar que, muitas vezes, esse trabalhador tem que comer “o pão que o diabo amassou”, pois ao vender sua força de trabalho no mercado, o salário que recebe geralmente é insuficiente para sua própria reprodução. Da mesma forma, ao decepar a cana e recolher sua garapa, ele não tem como “roubar da cana a doçura do mel”, como também nos sugere a música. Menos ainda pode se lambuzar de mel, pois a cana foi geneticamente modificada para servir como álcool combustível. Ao trabalhador contratado para decepá-la, em muitos casos, o que lhe resta é a morte por

¹ DOI- 10.29388/978-65-81417-57-4-0-f.11-15

exaustão, dada a superexploração de sua capacidade de produzir. Produção, esta, expressa no conteúdo desta obra.

Esta coletânea é de extrema importância para o momento que estamos atravessando, quando o Brasil é governado por uma burguesia genocida, liderada pelo presidente Jair Messias Bolsonaro e por seu ministro da economia, Paulo Guedes. Ela ressalta a discussão sobre o período que vivemos e nos auxilia, sobretudo, quando tentamos entender esta terceira década do século XXI.

Parte da explicação de como chegamos ao atual momento que nos encontramos pode ser obtida no ano de 2013, quando setores expressivos da sociedade brasileira foram para as ruas exigindo mudanças políticas e econômicas. Também não podemos deixar de lembrar os embates de 2014, durante o processo eleitoral que culminou com a reeleição da presidenta Dilma Vana Rousseff e nem o fato de o candidato derrotado contestar o resultado do pleito, dando início ao golpe midiático-legislativo implementado pela burguesia brasileira no ano de 2016, sob o comando do ex-deputado federal Eduardo Cosentino Cunha.

Uma questão a ser destacada e importante para se compreender o momento atual é a aprovação, no Congresso Nacional, da lei complementar número 150, de 01 de junho de 2015. A normativa desagradou sobremaneira a classe média brasileira, pois, a partir daquele momento, um grupo de empregados que sempre foram tratados como “semi-escravos”, uma vez que não tinham acesso a muitos direitos garantidos a todos os trabalhadores com registro em carteira, passaria a ser reconhecido como categoria de trabalhadores com direitos.

A categoria das empregadas domésticas era formada majoritariamente por mulheres negras e de pouca instrução, ou com pouco acesso à escola, tal como toda a gama de trabalhadores tratada nesta coletânea. É nesse contexto que esta coletânea se insere. Num contexto de lutas e de defesa da democracia participativa e dos direitos da classe trabalhadora, sobretudo da sua fração que vive no e do campo.

O momento que enfrentamos tornou-se ainda mais difícil para a classe trabalhadora na medida em que, com ajuda dos meios de comunicação controlados pela burguesia e presentes em todo o território nacional, elegeu-se presidente da república um extremista com características fascistas. Entre as promessas de campanha do presidente eleito estavam

não regularizar um milímetro de terras indígenas e travar uma intensa luta contra os trabalhadores rurais sem terra, os quilombolas e outras categorias de trabalhadores.

Assim, a sociedade brasileira tem acompanhado a destruição de sua previdência pública, dos direitos e das garantias trabalhistas através das chamadas reformas trabalhistas, do serviço público em geral, mas, sobretudo, dos serviços de saúde e de educação públicas, além da própria democracia.

No momento em que um presidente da república se elege com a promessa de não assentar nenhuma família sem terra, não regularizar nenhuma área quilombola, não demarcar nenhum milímetro de terras indígenas, a resistência a essa forma de governo e o combate a essas políticas destrutivas se fazem extremamente necessários. Eles partem das ruas, dos movimentos organizados e do interior das universidades através de reflexões como as que vemos nos textos que compõem **CIOS DA TERRA: sobre trabalho, cultura, produção de saberes e educação do campo**, colocados à disposição dos pesquisadores, dos professores e da sociedade em geral.

A luta da classe trabalhadora é uma luta incessante contra uma estrutura societária que se formou a partir de um sistema escravocrata, como lembram Ana Elizabeth Santos Alves e José Carlos Amaral Junior. Considerando a origem escravista do Brasil, é possível perceber que os discursos e as manifestações do presidente eleito sempre expressaram o desejo de restaurar tal (des)ordem no país. O grupo que está ocupando os espaços de poder político no Brasil vem procurando destruir não apenas os direitos dos trabalhadores, mas principalmente suas organizações e seus movimentos de luta, bem como o que chama de marxismo cultural, representado por pesquisadores e professores próximos aos movimentos sociais, como são os que participam desta coletânea.

Esta obra fica pronta no momento em que o governo brasileiro retira grande parte de recursos da educação e da ciência e tecnologia, deixando à míngua as agências de fomento fundamentais ao financiamento da pesquisa no país. Além disso, as verbas destinadas às universidades também foram sendo reduzidas e o ministro da educação por mais de uma vez afirmou que a universidade deve ser para poucos.

A partir do golpe consolidado em 31 de agosto de 2016 a educação do campo começou a enfrentar dificuldades. Inicialmente com o PRONERA, cujas verbas foram sendo reduzidas até a extinção completa do programa. Outro dado importante foi o fim da SECADI, onde estava alocada a educação do campo, modalidade destinada aos trabalhadores que vivem e/ou trabalham nas áreas rurais.

Esta coletânea traz 11 textos que ofertam uma enorme contribuição para o campo da Educação, sobretudo para aqueles que trabalham com educação do campo. Além dos textos específicos sobre campo, há outros que realizam uma interface com o marxismo e com a luta e a história dos trabalhadores.

Ao lermos sobre a situação dos trabalhadores do campo nos chama atenção as formas de vida nômades e errantes, principalmente de homens solteiros que se aventuram primeiro nos chamados “pau de arara” e depois em ônibus que já não servem mais para transportar trabalhadores urbanos, mas que são transformados em transporte de trabalhadores rurais. Um transporte precário que, dia após dia, leva grande contingente de pessoas que vão preencher as cidades dormitórias existentes neste país, transformando suas próprias existências em um ato de protesto contra os descasos das burguesias nacional e internacional, que exploram a mão de obra desses trabalhadores.

Nesse sentido, o livro traz um alerta de que o trabalho, a educação e a cultura camponesa produzem elementos e modos de vida que podem contribuir para a formação de uma luta contra-hegemônica. Os espaços de formação política e de organização da classe trabalhadora, auxiliados por um processo de educação apropriado aos trabalhadores, tornam-se espaços de produção de cultura e de resistência à exploração desses trabalhadores.

Da mesma forma é importante a retomada da discussão sobre a luta dos povos originários deste mundo que se situa a um oceano de distância da Europa. Trazer o debate sobre as questões indígenas e a relação dos seres humanos com a natureza num momento em que o governo de plantão no Brasil estimula queimadas de florestas nativas e garimpo em terras indígenas é fundamental e pertinente. A leitura desses temas nos auxilia a compreender e a adquirir o ânimo necessário para a luta contra a destruição do meio ambiente, principalmente quando o Supremo Tri-

bunal Federal vota o marco temporal sobre os povos indígenas no Brasil.

Ao lado da luta dos povos indígenas devemos destacar a luta das populações tradicionais, dos ribeirinhos, dos povos das florestas, sobretudo daqueles que vivem nas regiões amazônicas e combatem a destruição das florestas. Trata-se do legado de Chico Mendes, que não pode ser esquecido! Ao lado dessas lutas temos também a dos caiçaras, que estão vendo a cada dia seu habitat ser destruído pela especulação imobiliária.

Ao se destruir os ambientes onde essas pessoas vivem, restam as memórias que precisam ser preservadas como forma de luta e resistência. Mas, como preservar a memória de um povo, cujas parcelas mais jovens se veem obrigadas a migrar para os grandes centros urbanos em busca da sobrevivência? Coletâneas como o Cios da Terra cumprem o papel fundamental de rememorar as importantes lutas da classe trabalhadora brasileira.

Nesse sentido, podemos dizer que a luta em defesa de novas formas de produção da vida, sobretudo no que se refere à vida dos trabalhadores do campo que optam pela produção agroecológica, só será possível a partir da luta por outra forma de educação. Uma educação que leve em conta as necessidades da classe trabalhadora. Não uma educação para a classe trabalhadora que a capacite para servir ao capital, mas uma escola que transmita os saberes já produzidos pela humanidade e que são apropriados pela burguesia como se somente a ela pertencesse. Nessa perspectiva, a defesa da agroecologia se dá a partir da luta por uma educação pública, laica, de qualidade e única para toda a sociedade.

Em uma luta tão árdua é fundamental retomarmos a importância dos movimentos sociais e populares, sobretudo dos movimentos de luta pela terra. Suas experiências com a educação de homens e mulheres do campo são essenciais no combate ao capital e na defesa de uma sociedade justa, fraterna e radicalmente igualitária.

Luiz Bezerra Neto